



Um olhar profundo e atual sobre o décimo artigo do Credo

“Creio na remissão dos pecados.”

Poucas frases do Credo são tão breves e, ao mesmo tempo, tão revolucionárias. Em poucas palavras, o cristianismo anuncia algo que nenhuma filosofia humana conseguiu oferecer plenamente: o homem pode ser verdadeiramente perdoado.

Não se trata apenas de “sentir-se melhor”, esquecer erros do passado ou aprender a conviver com as próprias feridas. O Credo afirma algo muito maior: Deus tem o poder de apagar o pecado e quis confiar esse poder à sua Igreja.

Vivemos numa época estranha em relação ao pecado. Por um lado, muitos negam a sua existência. Tudo parece reduzir-se a erros psicológicos, condicionamentos sociais ou decisões pessoais sem consequências eternas. Mas, por outro lado, nunca houve tanta culpa, ansiedade, vazio interior e necessidade de redenção. O homem moderno tenta libertar-se do peso moral, mas continua a sentir-se acusado interiormente.

A razão é simples: o coração humano sabe que foi criado para a verdade e para o bem. E quando se afasta de Deus, algo dentro dele se rompe.

Por isso, o décimo artigo do Credo não é uma fórmula antiga sem relevância atual. É uma das mensagens mais cheias de esperança que existem. O cristianismo proclama que nenhum pecado tem a última palavra quando o homem se aproxima da misericórdia de Deus com arrependimento sincero.

O que nos ensina o décimo artigo do Credo?

O catecismo tradicional ensina:

“O décimo artigo do Credo ensina-nos que Jesus Cristo deixou à sua Igreja o poder de perdoar os pecados.”

Aqui encontramos uma verdade central da fé católica: Cristo não quis que o perdão



permanecesse uma ideia abstrata ou uma experiência puramente interior. Quis que fosse visível, concreto, sacramental e acessível.

O perdão cristão não depende de estados emocionais. Nem de simples autossugestão. Depende da ação real de Cristo ressuscitado atuando na sua Igreja.

Quando Nosso Senhor apareceu aos Apóstolos depois da Ressurreição, pronunciou palavras impressionantes:

“Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20,22-23).

Esse momento é fundamental. Cristo ressuscitado entrega à Igreja uma autoridade divina: reconciliar os pecadores com Deus.

Não é uma invenção medieval. Não é uma estrutura de poder criada pelos homens. É a vontade explícita de Jesus Cristo.

O drama do pecado: uma palavra esquecida

Para compreender o perdão, devemos primeiro compreender o que é o pecado.

E aqui aparece um dos grandes problemas espirituais do nosso tempo: perdemos o sentido do pecado.

Muitos já não distinguem objetivamente entre o bem e o mal. Tudo parece relativo. O importante é “ser autêntico”, “seguir o coração” ou “viver a própria verdade”.

No entanto, quando desaparece o sentido do pecado, desaparece também o sentido da graça.

Porque o Evangelho só faz sentido se existe algo de que precisamos ser salvos.



O pecado não é simplesmente quebrar uma regra religiosa. É rejeitar o amor de Deus. É colocar a própria vontade acima da vontade do Criador. É uma ferida profunda na alma.

Santo Agostinho definia o pecado como o amor desordenado de si mesmo até ao desprezo de Deus.

E essa realidade produz consequências concretas:

- obscurece a inteligência;
- enfraquece a vontade;
- escraviza o homem;
- rompe relações;
- destrói a paz interior;
- esfria a vida espiritual;
- e, se for mortal e não houver arrependimento, separa eternamente de Deus.

Por isso, o perdão dos pecados não é um “extra” do cristianismo. É o próprio centro da Redenção.

Cristo veio precisamente para salvar os pecadores.

Cristo: o Cordeiro que tira o pecado do mundo

Toda a história da salvação aponta para este mistério.

No Antigo Testamento encontramos sacrifícios, purificações e ritos penitenciais que preparavam a vinda do verdadeiro Redentor.

Quando São João Batista vê Jesus, exclama:

| *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29).*

A missão de Cristo é tirar o pecado.



Não simplesmente ignorá-lo.

Não relativizá-lo.

Não justificá-lo.

Mas destruí-lo mediante o sacrifício da Cruz.

No Calvário acontece o grande ato de reconciliação entre Deus e a humanidade. Jesus Cristo toma sobre si o peso do pecado humano e abre novamente as portas da graça.

A Cruz mostra duas coisas ao mesmo tempo:

- a terrível gravidade do pecado;
- e a infinita imensidão da misericórdia divina.

Nenhum homem pode olhar seriamente para o Crucificado e continuar a pensar que o pecado “não é assim tão grave”.

Mas ninguém deve desesperar, porque o mesmo Crucificado reza:

| *“Pai, perdoa-lhes.”*

A Igreja pode perdoar todo tipo de pecado?

O catecismo responde:

| *“Sim; a Igreja pode perdoar todos os pecados, por muitos e graves que sejam, porque Jesus Cristo lhe deu plena potestade para ligar e desligar.”*

Esta afirmação é imensamente consoladora.



Não existe pecado maior do que a misericórdia de Deus.

A história da Igreja está cheia de santos que antes foram grandes pecadores:

- São Pedro negou Cristo três vezes;
- São Paulo perseguiu os cristãos;
- Santo Agostinho viveu uma vida desordenada;
- Santa Maria Madalena foi libertada de graves pecados;
- São Camilo de Lellis teve uma juventude turbulenta;
- Santo Inácio de Loyola viveu obcecado pela vaidade mundana.

E, no entanto, todos foram transformados pela graça.

A misericórdia divina não tem limites para quem se arrepende sinceramente.

Isto é especialmente importante hoje, porque vivemos numa época marcada pelo desespero espiritual. Muitas pessoas acreditam que já não têm solução. Pensam:

- “Deus não pode perdoar-me.”
- “Fui longe demais.”
- “A minha vida está destruída.”
- “Caio sempre novamente.”
- “Não sou digno de voltar.”

Mas foi precisamente para esses corações que Cristo veio.

O demónio tenta convencer o homem de dois erros opostos:

1. que o pecado não tem importância;
2. ou que o pecado já não pode ser perdoado.

Ambos são mentiras.

O poder de “ligar e desligar”

Jesus deu aos Apóstolos o poder de “ligar e desligar”, expressão jurídica usada no mundo judaico para indicar verdadeira autoridade.



A São Pedro Ele diz:

“*Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus*” (Mt 16,19).

As chaves simbolizam autoridade.

Por isso, o perdão sacramental não é apenas um conselho espiritual ou uma oração comunitária. É um ato ao mesmo tempo judicial e medicinal.

O sacerdote age *in persona Christi*, isto é, na pessoa de Cristo.

Quando o penitente ouve:

“*Eu te absolvo dos teus pecados...*”

é o próprio Cristo quem perdoa.

Este ponto é profundamente católico e profundamente belo.

Deus sabe que o homem precisa de sinais visíveis. Precisa de ouvir. Precisa de certeza. Precisa de experimentar concretamente a reconciliação.

Por isso Cristo instituiu os sacramentos.

Quem exerce esta autoridade na Igreja?

O catecismo ensina:

“*Os que na Igreja exercem o poder de perdoar os pecados são, em primeiro lugar, o Papa, que sozinho possui a plenitude deste poder;*



| *depois os Bispos e, dependentes dos Bispos, os sacerdotes.”*

Aqui aparece a estrutura hierárquica querida por Cristo.

O poder de absolver não nasce do sacerdote enquanto indivíduo. Não é algo pessoal. Vem de Cristo e é transmitido sacramentalmente pelo sacramento da Ordem.

Isto protege a Igreja da arbitrariedade.

O sacerdote não “inventa” o perdão.

É instrumento de uma autoridade divina maior do que ele.

Por isso, o sacerdote deve ser:

- fiel à doutrina;
- prudente;
- misericordioso;
- discreto;
- firme diante do pecado;
- e cheio de caridade para com o penitente.

A tradição católica sempre considerou o confessionário como um dos lugares mais santos da terra.

Ali travam-se verdadeiras batalhas espirituais.

Ali morrem pecados.

Ali ressuscitam almas.

Ali começam conversões.



O Batismo e a Penitência

O catecismo continua:

“A Igreja perdoa os pecados pelos méritos de Jesus Cristo, conferindo os sacramentos instituídos por Ele para esse fim, principalmente o Batismo e a Penitência.”

O Batismo: o primeiro grande perdão

O Batismo apaga:

- o pecado original;
- todos os pecados pessoais;
- toda a pena devida ao pecado.

Por isso os primeiros cristãos chamavam ao Batismo “iluminação” e “novo nascimento”.

O homem sai espiritualmente renovado.

Mas depois do Batismo permanece a fragilidade humana. O cristão pode voltar a cair.

E aí aparece o imenso dom da Confissão.

A Penitência: o abraço do Pai

O sacramento da Penitência é um dos maiores tesouros da Igreja Católica.

Nele acontece algo extraordinário:

- o pecador reconhece a sua culpa;
- arrepende-se;



- confessa os seus pecados;
- recebe a absolvição;
- e regressa à amizade com Deus.

A parábola do filho pródigo resume perfeitamente este mistério.

O filho parte.

Desperdiça a herança.

Cai na miséria.

Mas quando volta arrependido, o pai corre para abraçá-lo.

Esse pai é Deus.

A Confissão não é um tribunal de humilhação, mas um tribunal de misericórdia.

Sim, exige humildade.

Sim, exige verdadeiro arrependimento.

Sim, exige firme propósito de emenda.

Mas é precisamente aí que começa a verdadeira liberdade.

A crise atual da confissão

Um dos dramas espirituais mais graves do nosso tempo é o abandono do sacramento da Penitência.

Muitos católicos passam anos sem se confessar.

Alguns por ignorância.

Outros por vergonha.



Outros porque perderam o sentido do pecado.

E outros porque acreditam que basta “falar diretamente com Deus”.

Certamente devemos rezar diretamente a Deus todos os dias. Mas Cristo quis também um meio sacramental concreto para a plena reconciliação.

A confissão frequente era uma prática constante dos santos.

Porquê?

Porque compreendiam algo que o mundo moderno esqueceu: o pecado enfraquece a alma mesmo quando parece pequeno.

Hoje existe uma tendência para reduzir o cristianismo a valores genéricos de bondade ou solidariedade. Mas o Evangelho fala de conversão real.

Não basta simplesmente “ser uma boa pessoa”.

O cristão é chamado a lutar contra o pecado e a procurar a santidade.

O medo de se confessar

Muitas pessoas sentem medo antes de se confessarem.

É um medo profundamente humano.

Às vezes por vergonha.

Às vezes porque passaram muitos anos.

Às vezes porque não sabem como fazê-lo.

Mas quase todos os que regressam à confissão depois de muito tempo experimentam a mesma coisa: uma paz imensa.

O demónio faz muito barulho antes da confissão e muito silêncio depois.



A graça sacramental produz uma verdadeira libertação interior.

Por isso tantos santos recomendavam a confissão frequente.

São Pio de Pietrelcina passava horas inteiras a ouvir confissões.

São João Maria Vianney transformou Ars a partir do confessionário.

São Leopoldo Mandic dedicou a sua vida a reconciliar almas.

Todos compreendiam que o perdão dos pecados é uma obra divina capaz de renovar o mundo.

Misericórdia não significa relativismo

Aqui convém esclarecer algo muito importante.

Falar de misericórdia não significa negar a existência do pecado.

A verdadeira misericórdia não justifica o mal: cura-o.

Cristo perdoou a mulher adúltera, mas também lhe disse:

▮ *“Vai e não peques mais.”*

Hoje existe o risco de transformar a misericórdia em permissividade.

Mas o amor autêntico chama sempre à conversão.

A Igreja não pode mudar a verdade moral revelada por Deus. Pode acompanhar o pecador, ajudá-lo, sustentá-lo e perdoá-lo, mas nunca pode chamar bem ao mal.

Precisamente porque ama o homem, a Igreja proclama a verdade.



O perdão transforma a sociedade

O décimo artigo do Credo não tem apenas consequências espirituais individuais. Tem também enormes consequências sociais.

Uma sociedade incapaz de perdoar acaba por destruir-se a si mesma.

Vivemos tempos marcados por:

- a cultura do cancelamento;
- o ressentimento permanente;
- a exposição pública dos erros;
- a falta de reconciliação;
- e a incapacidade de recomeçar.

O cristianismo introduz algo revolucionário: a possibilidade de redenção.

Ninguém fica reduzido para sempre ao seu pior pecado se se arrepende sinceramente.

Isto não elimina as consequências humanas das ações, mas abre a porta à restauração moral e espiritual.

Sem perdão, o mundo torna-se inabitável.

O perdão também exige perdoar

Existe outro aspeto essencial: quem recebe o perdão de Deus é chamado a perdoar os outros.

O Pai-Nosso diz isso claramente:

“Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem



| *nos tem ofendido...”*

O cristão não pode viver enraizado no ódio.

Isto não significa negar a justiça nem fingir que o mal nunca aconteceu. Nem significa permitir abusos ou relações destrutivas.

Mas significa renunciar ao ressentimento como forma permanente de vida.

O coração que experimenta a misericórdia divina começa lentamente a aprender misericórdia para com os outros.

O confessional: um lugar de esperança no século XXI

Numa cultura hiperconectada, acelerada e profundamente ferida, o confessional continua a ser um dos lugares mais contraculturais do mundo.

Ali o sucesso social não importa.

A imagem digital não importa.

A aparência não importa.

Importa apenas a verdade da alma diante de Deus.

E precisamente por isso continua a ser tão poderoso.

Num mundo onde muitos gritam e poucos escutam, o confessional continua a ser um lugar de silêncio, verdade e misericórdia.



“Creio na remissão dos pecados”

Cada vez que rezamos o Credo proclamamos esta verdade.

Não como uma ideia abstrata.

Mas como uma realidade viva.

Creemos que:

- Cristo venceu o pecado;
- a Igreja recebeu autoridade para perdoar;
- nenhum pecador arrependido está perdido;
- e a misericórdia de Deus continua a agir hoje.

O décimo artigo do Credo é, no fundo, uma declaração de esperança.

Porque enquanto o perdão permanecer possível, a santidade permanecerá possível.

Enquanto existir misericórdia, ninguém estará definitivamente derrotado.

E enquanto Cristo continuar à espera no sacramento da Penitência, o mundo nunca estará completamente perdido.